

INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Natasha Lurecio Meyer¹
Francisco José Fornari Sousa²

RESUMO

Temas como inclusão são ainda recentes no âmbito escolar, trazendo muitas dúvidas e perguntas de como se trabalhar perante a perspectiva inclusiva esse tema quando ligado à Educação Física não se faz diferente deixando muitas lacunas abertas. Diante disso pretendemos verificar como os docentes atuam perante a inclusão de alunos portadores de deficiências nas aulas de Educação Física. A metodologia utilizada foi de campo descritiva diagnóstica com instrumento de coleta de dados através de questionários de 10 perguntas fechadas. A população alvo foram 10 professores que já atuaram na perspectiva inclusiva da rede municipal de Lages SC. Onde se constatou que professores se sentem aptos a receber alunos deficientes (n=7, 70%), mais não sentem que realmente atendem as expectativas desses alunos (n=7, 70%). Diante disso concluo que a falta de conhecimento aliada a dificuldade que os professores sentem sobre o tema é o que dificulta o planejamento para que as aulas sejam adaptadas para que todos os alunos inscritos nas turmas consigam de sua maneira realizar atividades físicas.

Palavras-chave: Educação física. Inclusão. Escola.

¹ Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST

² Professor da disciplina de TCC do Centro Universitário UNIFACVEST

INCLUSION IN PHYSICAL EDUCATION

Natasha Lucrecio Meyer¹
Francisco José Fornari Sousa²

ABSTRACT

Topics such as inclusion are still fresh in schools, bringing many doubts and questions about how to work towards an inclusive perspective that theme when connected to physical education is not unlike leaving many open gaps. Therefore we intend to investigate how teachers work towards the inclusion of students with disabilities in regular physical education classes. The methodology was descriptive diagnostic tool for field data collection through questionnaires of 10 closed questions. The target population were 10 teachers who have worked in inclusive perspective of municipal Lages SC. Where it was found that teachers feel able to receive disabled students (n = 7.70), most do not feel they really meet the expectations of these students (n = 7.70). Thus I conclude that the lack of knowledge coupled with the difficulty that teachers feel about the subject is what makes the planning so that lessons are tailored to each student enrolled in the classes able to perform physical activities your way.

Keywords: Physical Education. Inclusion. School.

¹ Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST

² Professor da disciplina de TCC do Centro Universitário UNIFACVEST

1 INTRODUÇÃO

Atualmente diversos são os tipos de discussões sobre inclusão, sabemos que se tem a necessidade de um profissional preparado para atender a demanda. Mais qual seria a melhor maneira para incluir esses aluno e objetivar resultados? Será que estamos preparados?

Frequentar todas as aulas é um direito do aluno com deficiência, é preciso que o professor tenha conhecimento de todos os alunos mais especialmente daquele aluno a ser incluído, deve saber o tipo de deficiência e todas as informações importantes para que este aluno consiga desenvolver as atividades propostas.

Para Sônia Maria Ribeiro (2001), A escola inclusiva propõe um modo de se constituir o sistema educacional onde se considera as necessidades dos alunos e se estrutura perante essas necessidades.

Tratar crianças como seres únicos em suas individualidades, reconhecer suas diferenças e atender suas necessidades é tarefa da educação toda, não apenas da proposta para inclusão.

Olhar para pessoas que apresentam diferentes condições e perceber não a limitação, nem a desvantagem, mais as capacidades e potencialidades (GORGATI; COSTA, 2005).

Segundo Gorgatti e Costa (2005, p.1):

Podemos refletir sobre o significado pessoal individual da prática da atividade física para aqueles que são “deficientes”. Incluindo o aluno na aula de educação física o professor estará desenvolvendo o lado social, psicológico, afetivo e até mesmo motor desses que muitas vezes são esquecidos pela sociedade.

O Profissional da Educação Física tem o dever de trabalhar isso da melhor maneira possível para que este aluno seja estimulado e incentivado cada vez mais a participar das aulas.

A metodologia dos professores de educação física é muito importante para a não exclusão das crianças portadoras de deficiências nas escolas.

O objetivo geral deste pré-projeto é identificar as metodologias utilizadas pelos professores para inclusão de crianças portadoras de deficiências na Educação Física.

Para Gorgatti e Costa (2005), O planejamento de um programa deve contemplar o desenvolvimento do saber o que condiz considerar o ser humano em sua totalidade incluindo os domínios cognitivos, motor, emocional e social.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

No século passado a Educação Física esteve ligada aos médicos e militares, esse vínculo foi de suma importância tanto no que diz respeito a disciplina quanto na metodologia utilizada pelos professores (BRASIL, 2001).

Para Oliveira, (2004, p.8): “Setenta anos foram suficientes para que a Educação Física saísse de um quase empirismo pedagógico e passasse a merecer algum destaque no sistema mais amplo da Educação.”

Atualmente temos como objetivo da Educação Física escolar trazer o estudo do movimento, os professores devem trazer para suas aulas propostas que englobem vários aspectos tais como, biológicos, sociológicos, psicológicos e culturais.

Necessário se faz, a elaboração de normas que correspondam ao novo objeto de estudo da Educação Física escolar: a expressão corporal como linguagem e como saber ou conhecimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O professor deve estar atento as necessidades em cada fase dos alunos. A Educação Física na escola deve ser dividida em três blocos: “Jogos, Ginásticas, Esportes e Lutas / Atividades rítmicas e expressivas, conhecimentos sobre o corpo (BRASIL, 1997, p.35).

Para Gallardo (2009, p.27): O papel da Educação Física na escola deve ser de socializar o conhecimento universalmente produzido dentro do campo de conhecimentos da cultura corporal, ao qual o aluno tem direito.

Temos o dever de proporcionar que os alunos aprendam as diversas maneiras de culturas corporais para que não se percam ao longo da história mais para que proporcione novos conhecimentos dentro da disciplina da Educação Física.

Temos como objetivo proporcionar uma melhor qualidade de vida, promovendo a socialização de todos e dessa maneira formar um papel fundamental na formação da criança e adolescente.

2.1 Inclusão na Educação Física

Direito à educação das pessoas portadoras de deficiências é atitude muito recente, devida à manifestação de poucos indivíduos, a conquista e o reconhecimento de direitos

podem ser identificados como elementos de políticas sociais (MAZZOTTA, 1999).

Após o estabelecimento de leis para esses alunos frequentarem a escola regular, faz-se necessário que os profissionais procurem aprimorar seus conhecimentos. Sendo que a inclusão seria um motivo em que o profissional procuraria aprimoramento.

De acordo com Sônia Maria Ribeiro (2001, p.34): “A inclusão passou a ser um desafio para os professores por ser um tema pouco discutido se torna novidade na área da Educação Física e esses profissionais devem conhecer os princípios da inclusão.”

É preciso que o professor tenha conhecimento de todos os alunos mais especialmente daquele aluno a ser incluído, deve saber o tipo de deficiência e todas as informações importantes para que este aluno consiga desenvolver as atividades propostas.

Considerando que, de modo geral, situações desconhecidas causam temor, a falta de conhecimento em muito contribuiu para que pessoas portadores de deficiências, fossem marginalizadas e ignoradas (MAZZOTTA,1999).

A participação de alunos portadores de deficiências nas aulas de educação física é extremamente importante para o maior desenvolvimento de várias habilidades desses alunos, assim como a autoconfiança e independência.

Para conseguirmos chegar aos nossos objetivos nós professores de Educação Física temos de ter conhecimento aprofundado sobre o aluno que está frequentando a aula, suas características, necessidades (GALLARDO, 2009).

Não podemos simplesmente fechar os olhos e não enxergar a capacidade de realizar alguma atividade física por falta de incentivo.

Convém modificar a atividade apenas quando necessária, sendo um desafio a todos os alunos, devemos ter um ambiente em que o aluno se sinta seguro e que seja encorajado a auto superação (GORGATTI; COSTA. 2005, p.20).

Para que a educação inclusiva alcance seus objetivos faz-se necessário que barreiras educacionais sejam derrubadas, onde os alunos sejam libertados de sua condição de incapaz e se tornem capazes de identificar e ultrapassar todos os obstáculos que dificultam sua aprendizagem.

“A Educação Física é cultura no sentido mais amplo, fertilizando o campo de manifestações individuais e coletivas. É transmissora de cultura, mais pode ser acima de tudo, transformadora de cultura.” (OLIVEIRA, 2004, p.86)

Através da Educação Física podemos começar uma nova proposta sem exclusão criando uma cultura onde todos devem participar da cultura do movimento.

Segundo Santin (1998, p.67): “É interessante observar que a Educação Física é a única que conseguiu criar leis para que certos alunos fossem dispensados, alegando razões que olhadas com atenção, mostram exatamente que estes dispensados são os que mais

necessitam de atenção do educador.”

De acordo com os PCNS de Educação Física (BRASIL, 2001, p.41):

A aula de Educação Física pode favorecer a construção de uma atitude digna e de respeito próprio por parte do deficiente e a convivência com ele pode possibilitar o próprio por parte do deficiente e a convivência com ele pode possibilitar a construção de atitudes de solidariedade, de respeito, de aceitação, sem preconceitos.

Devemos assim ressaltar que as práticas aplicadas deveram ser ativadas com intuito de valorizar as capacidades e as potencialidades que esses alunos possam adquirir e não para aquilo que o aluno terá dificuldade.

Na deficiência visual o importante é valorizar seus outros sentidos como a audição e a percepção tátil, o professor deve estar atento ao seu tom de voz para não surpreender ou assustar o aluno, deve procurar também a aproximação na relação professor- aluno.

Se necessário tocá-lo durante a explicação de um movimento ou qualquer outra circunstância, é importante avisá-lo para que o aluno esteja prevenido (GORGATTI; COSTA, 2005).

Para Gorgatti e Costa (2005, p.62): “[...] é importante chama-lo sempre pelo nome, se necessário usar o tato para que o aluno consiga entender a atividade, quando isso não for o suficiente devemos recorrer a mecanismos de informação acessórios.”

Na deficiência mental devemos ressaltar seu processo no desenvolvimento motor, atividades que movimentam podem fazer muito bem nesse tipo de deficiência, pois estimula esses alunos a mexer o corpo.

As pessoas com deficiências mentais são caracterizadas por lentidão, pela escolha de estratégias motoras inadequadas e por apresentarem certo atraso no alcance da sequência de desenvolvimento (GORGATTI; COSTA. 2005). Estar atento ao lado sócio afetivo do aluno também é de extrema importância para o sucesso do trabalho.

Na deficiência auditiva o professor de educação física deve procurar trabalhar na maior defasagem desses alunos que seria o equilíbrio e coordenação motora geral (GORGATTI; COSTA. 2005).

Devemos ainda estimular a leitura labial, já que muitos dos professores não sabem se comunicar corretamente com esses alunos, devemos ter certeza que a atividade passada foi entendida para só assim ser aplicada.

Nas deficiências físicas devemos ter o conhecimento de quais músculos ainda podem ser usados e desenvolvidos. Talvez o aluno se sinta um pouco acanhado em participar das atividades estando na cadeira de rodas. Entra o papel de incentivo do professor.

Segundo Gorgatti e Costa (2005, p.169): “[...] os principais objetivos para

cadeirantes seja a melhora da aptidão física, o professor deve avaliar se o aluno possui flexibilidade, e força para erguer o corpo e transferi-lo.”

Professores sentem a necessidade de maiores estudos teóricos e práticos sobre esse tema, sendo que muitos se sentem ainda despreparados para atuar com alunos portadores de deficiências.

Antes de julgar o aluno o professor deve procurar fazer uma avaliação de si mesmo, questionando se seu desempenho foi propício para a aprendizagem, muitas vezes a dificuldade está no professor e não no aluno (GORGATTI; COSTA, 2005).

Independente de todas as propostas pedagógicas deve-se salientar que o professor deve ter uma política perante o aluno de incentiva-los e auxilia-los e orienta-los acima de qualquer deficiência ou qualquer dificuldade. Assim como o que ensinar e de que maneira ensinar deve fazer parte dessa política.

3 METODOLOGIA

A pesquisa se realizou por meio de questionários voltado a professores das escolas do município de Lages SC, de ordem pratica em campo. Todos os dados coletados ocorreram de forma espontânea, desta maneira não houve influência do pesquisador.

Conforme Andrade (1999, p.106): “Nesse tipo de pesquisa, os fatos são observados, registrados, analisados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles.”

A coleta de dados se deu por meio de questionário com dez perguntas fechadas, voltadas a professores que atuam com alunos portadores de deficiências nas escolas do município de Lages SC, que possui 33 escolas, sendo que 10 professores que possuem a respectiva característica responderam o questionário.

Os dados coletados foram observados e analisados, com o objetivo de saber como professores trabalham a inclusão na educação física. A análise dos resultados será comparada com as pesquisas já realizadas pelos autores utilizados como referência para a elaboração deste trabalho e por estatística básica.

3.1 Análise e discussão dos dados

Conforme a tabela 1 (n=6, 60%) tem nível superior completo, (n=3, 30%) possui pós-graduação, e (n=1, 10%) possui mestrado.

De acordo com a Lei 9.394/96 em seu artigo 62: “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação.”

Portanto todos os professores estão de acordo com a lei vigente.

Tabela 1. Nível Instrução.

	f	%
Superior em curso	0	0
Superior completo	6	60
Pós- Graduação	3	30
Mestrado	1	10
Doutorado	0	0
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa

A tabela 2 trata-se de dados referentes ao tempo de atuação no magistério como professor de Educação Física, sendo que (n= 1, 10%) possui de 1 a 3 anos, (n= 5, 50%) possui de 4 a 6 anos, (n=3, 30%) possui de 7 a 19 anos e (n=1, 10%) possui de 25 a 30 anos.

Tabela 2. Tempo de experiência no magistério como professor de Educação Física.

	f	%
1 a 3 anos	1	10
4 a 6 anos	5	50
7 a 19 anos	3	30
20 a 35 anos	1	10
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa

Segundo Nascimento e Graça (1998) apud Shigunov e Shigunov Neto (2002), a classificação dos professores se dá em ciclos de desenvolvimento profissional sendo eles: fase de entrada, fase de consolidação, fase de diversificação e fase de estabilização.

Sendo assim dos professores pesquisados a maioria se encontra na fase de consolidação, sendo de 4 a 6 anos.

Na tabela 3 (n= 8, 80%) afirmaram ter professor auxiliar durante as aulas, (n=2, 20%) afirmaram não possuir.

Observa-se que basicamente todos os professores dizem possuir junto ao aluno um

professor auxiliar que deverá ser especializado para trabalhar com as deficiências.

Segundo a Lei nº 9.394-96, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e no Art.59 III Professores com especialização adequada em ensino superior, bem como professores do ensino regular capacitados na integração dos mesmos nas classes comuns.

Tabela 3. Possui professor auxiliar?

	f	%
Sim	8	8
Não	2	2
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa

Na tabela 4 (n, 1, 10%) Avaliaram como muito bom o relacionamento entre alunos deficientes e os demais (n=9, 90%) avaliaram como bom. A política da inclusão tende a beneficiar a todos os envolvidos, incluindo os demais alunos da turma.

Segundo Diretrizes Nacionais Para Educação Especial Básica classes com alunos deficientes promovem uma classe diversificada, onde todos se beneficiem das diferenças e aprimoram suas experiências positivamente.

Tabela 4. Relacionamento dos portadores de deficiências com demais alunos.

	f	%
Muito bom	1	10
Bom	9	90
Péssimo	0	0
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa

Na tabela 5 (n=10, 100%) afirmaram que consideram sua interação com alunos deficientes boa. Mais professores em sua maioria ressaltaram que algumas coisas ainda tendem a melhorar em sua interação com o aluno deficiente.

Segundo Krug (2002), pode-se afirmar que o Ministério da Educação e do Desporto tem se empenhado na ampliação e na oferta de educação as pessoas portadoras de deficiências.

Na tabela 6 (n=3, 30%) dos professores consideram superproteger os alunos deficientes, (n=7, 70%) dizem não superproteger o aluno. Em sua maioria responderam que não acham que superprotegem os alunos deficientes, mais sim que possuem uma atenção redobrada devido à dificuldade de realizar certas atividades.

Tabela 5. Como você avalia sua interação com os alunos deficientes.

	f	%
Muito bom	0	0
Bom	10	100
Péssimo	0	0
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa

Tabela 6. Você crê que os demais alunos sentem superproteção de sua parte em relação aos alunos portadores de deficiências?

	f	%
Sim	3	30
Não	7	70
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa

Na tabela 7 (n=7, 70%) professores acham que os alunos deficientes se sentem aptos a fazer a aula, (n=3, 30%) acham que os alunos não se sentem aptos. Foi ressaltada ainda que muitos alunos se sentem aptos a realizar as aulas mais por questões de espaço e até mesmo de vergonha acabam desistindo de realizar a atividade.

Tabela 7. Você sente que os alunos portadores de necessidades se sentem aptos a fazer a aula?

	f	%
Sim	7	70
Não	3	30
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa

Na tabela 8 (n=7, 70%) se sentem aptos a receber o aluno com deficiência e (n=3, 30%) não se sentem aptos. Alguns afirmaram que o respaldo que receberam durante a graduação não forneceu conhecimento suficiente para receber de forma correta o aluno, mais que gostariam de ter algum tipo de curso oferecido pela escola para que pudesse adequar ao máximo suas aulas.

De acordo com Marques (1997) Para se compreender o PNE como um ser em plenitude, há que se quebrar ideias cristalizadas.

Tabela 8. Você se sente apto para receber o aluno portador de deficiência?

	f	%
Sim	7	70
Não	3	30
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa

Na tabela 9 (n=3, 30%) professores creem estar atendendo as expectativas dos alunos deficientes e (n=7, 70%) creem não estar atendendo. Muitos afirmaram que não conseguem atender as expectativas reais desses alunos, pela falta de adaptação das aulas e até mesmo por esses alunos muitas vezes apresentarem um comportamento de isolamento.

De acordo com os Parâmetro Curricular da Educação Física (1997) “[...] garantida as questões de segurança, o professor pode fazer adaptações criar situações de modo a possibilitar a participação de alunos especiais.” (BRASIL, 1997, p.40)

Tabela 9. Você crê que atende as expectativas desses alunos?

	f	%
Sim	3	30
Não	7	70
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa

Na tabela 10 (n=10, 100%) dos professores estimulam seus alunos a participarem das aulas de Educação Física. Todos os professores participantes afirmar que apesar de toda a dificuldade, estão sempre estimulando e convidando os alunos portadores de deficiências a participar das aulas de Educação física, quando esses alunos perdem o medo ou até mesmo a vergonha essa estimulação se torna de muito mais eficiente e garante que o aluno não só pratique uma atividade, mais que também se divirta com os demais colegas de turma

Tabela 10. Você estimula o aluno portador de deficiência a praticar suas aulas?

	f	%
Sim	10	100
Não	0	0
Total	10	100%

Fonte: dados da pesquisa

5 CONCLUSÃO

De acordo com a visão dos professores participantes, constatei que o tema da inclusão é um tema que ainda gera muitas dúvidas e dificuldades aos profissionais da Educação Física.

Todos os professores participantes já tiveram ou tem contato com alunos deficientes, alguns conseguindo prosseguir e incluir seus alunos nas aulas sem muitas dificuldades, outros sem saber realmente como adotar uma medida de inclusão eficiente na Educação Física.

Muitos alegam não possuir conhecimentos suficientes para atender esses alunos, mais que gostariam de estudar um pouco mais para prestar uma aula de qualidade.

Tendo em mente que os alunos participantes da inclusão vão à escola regular para serem incluídos em todas as matérias do currículo, temos que atender a demanda de alunos que cresce a cada dia.

Para que a inclusão se torne uma medida mais acessível deve se elaborar planejamentos que beneficiem a todos os alunos e não apenas aqueles que não possuem nenhum tipo de deficiência ou que sejam mais aptos a atividade física.

É importante que as escolas apoiem os profissionais que ali atuam e os proporcione oportunidades de aprendizagem, de conhecimento e de se especializarem no assunto para assim realmente formarmos uma verdadeira escola inclusiva, com um planejamento que realmente atenda a necessidade de todos.

A imagem de que a Educação Física privilegia os mais aptos tem que ser desmistificada para que assim alunos deficientes se sintam acolhidos e encorajados a praticar atividades físicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução á metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. MEC 2001. Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em 10/11/2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Educação Física / Ministério da Educação. Secretaria da educação fundamental. 3.ed Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Educação Física / Ministério da Educação. Secretaria da educação fundamental. 2ed Brasília: A Secretaria, 1997.

BRASIL. Presidência da República. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 27/11/2014.

GALLARDO, Jorge Sergio Pérez. **Prática de ensino em educação física:** a criança em movimento. Livro do professor. São Paulo: FTD, 2009.

GONÇALVES, Carlos Antônio dos. **Jogos e atividades lúdicas na alfabetização.** Rio de Janeiro: SPRINT, 1994.

GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade Física adaptada.** Barueri, SP: Manole, 2005.

KRUG, Hugo Norberto. **A inclusão de Pessoas Portadoras de Necessidades Educativas Especiais na Educação Física Escolar.** Cadernos: edição: 2002 – n.º 19. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2002/01/editorial.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

MARQUES, C. A. **Integração:** uma Via de Mão Dupla na Cultura e na Sociedade. São Paulo: Memnon, 1997.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil:** história e políticas públicas. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física.** São Paulo: BRASILIENSE, 2004.

RIBEIRO, Sônia Maria. **Inclusão Escolar in Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada.** Temas em educação física adaptada. [S.L]: SOBAMA, 2001.

RODRIGUES, Renato; Gonçalves, José Correia. **Procedimentos de metodologia científica.** 5. ed. Lages; PAPERVEST, 2007.

SANTIN, S. **Educação Física e Esportes no Ensino de 3º grau:** perspectiva filosóficas e

antropológicas in: PASSOS, S. et al. **Educação Física e Esportes na Universidade**. Brasília: SEED/MEC, 1998 p. 51-74.

SHIGUNOV, Viktor; SHIGUNOV NETO, Alexandre. (Orgs.) **Educação física: conhecimento teórico x prática pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2002.